

Teoria da Reprodução Social: Remapear a classe, recentralizar a opressão

TITHI BHATTACHARYA (ORG.)

São Paulo: Editora Elefante, 2023. 340 p.

*Adriana Herz Domingues**

Lançado em 2023 no Brasil, *Teoria da Reprodução Social* é um livro fundamental para aqueles que buscam compreender a relação entre as opressões e a acumulação capitalista. Segundo sua organizadora, Tithi Bhattacharya, a obra surge para suprir a necessidade de um texto que “atue como mapa e guia” (p. 4) para os desenvolvimentos da Teoria da Reprodução Social (TRS). Dessa forma, as diferenças e divergências entre os autores convidados compõem um corpo teórico que busca desenvolver uma teoria da totalidade das relações sociais presentes no capitalismo. Bhattacharya é uma intelectual indiana que hoje trabalha como professora associada e diretora de Estudos Globais da Universidade de Purdue (Indiana, EUA), especializada na história moderna da Ásia e que escreve principalmente sobre colonialismo, formação de classe, gênero e islamofobia do ponto de vista do marxismo. Assim como Nancy Fraser e Cinzia Arruzza, que assinam capítulos subsequentes, foi uma das impulsionadoras da Greve Internacional de

* Mestranda do Programa de Psicologia Social pela Universidade de São Paulo e bolsista FAPESP.
E-mail herzdomingues@gmail.com

Mulheres de 2017. O livro também é promovido por Lise Vogel, importante referência do feminismo marxista estadunidense. Os demais autores são acadêmicos marxistas que buscam definir os contornos da TRS ou utilizá-la para desenvolver a teoria marxista, ou ainda, explorar as implicações estratégicas de sua aplicação à conjuntura atual. Seguindo essa organização irei apresentar os objetivos de cada capítulo, em seguida o método utilizado e por fim as principais contribuições e problemas do livro.

No capítulo que assina, Bhattacharya utiliza a TRS para ampliar o conceito marxiano de classe trabalhadora em uma defesa de sua contínua relevância diante de críticas economicistas e de autores que apontam para sua superação. Em um sentido similar, David McNally busca debater as teorias materialistas de múltiplas opressões e demonstrar como a TRS pode superar dialeticamente a interseccionalidade e as críticas colocadas pelo antirracismo. Em seus artigos, Nancy Fraser, Susan Ferguson e Alan Sears desenvolvem contribuições para a TRS, a primeira em uma tentativa de demonstrar uma contradição essencial entre a produção de mais-valia e a reprodução da vida, a segunda em uma análise do papel das crianças nas relações de produção capitalistas e o terceiro através de um debate sobre as dinâmicas da sexualidade em relação à reprodução capitalista. Apesar de apontarem para debates muito interessantes, nos capítulos de Ferguson e Sears, o capitalismo aparece quase como algo externo aos sujeitos descritos. Dados os temas abordados, ambos carecem de um aprofundamento na implicação dos sujeitos na reprodução das relações capitalistas, os processos de formação de desejos e sexualidades próprios dessa forma de sociedade.

Em seu capítulo, Salar Mohandesi e Emma Teitelman utilizam a lente da reprodução social para revisitar as principais tendências históricas do capitalismo nos Estados Unidos, redescobrimo sua composição de classe e a formação do Estado. De forma semelhante, Carmen Teeple Hopkins, Serap Saritas Oran e Cinza Arruza fazem aplicações da TRS à conjuntura atual. Teeple Hopkins foca no trabalho reprodutivo de cuidadoras remuneradas no Quebec, Canadá, de maneira a questionar o papel de comunidades religiosas na reprodução social de imigrantes racializadas no país. Infelizmente, a autora tem dificuldade em articular as contribuições dos feminismos autonomista e negro com sua perspectiva da TRS. Saritas Oran debruça-se sobre as aposentadorias, buscando analisar suas diferentes aparências históricas para conceitualizá-las com referência aos processos de reprodução social e ao valor da força de trabalho. Finalmente, Cinzia Arruza discute a construção da Greve Internacional de Mulheres de 2017 nos Estados Unidos. De maneira geral, há um compromisso dos autores de que seus textos sejam uma contribuição à luta política dos despossuídos.

Todos os textos se baseiam no método da dialética materialista marxista que, como a Bhattacharya sublinha, privilegia processos e relações sociais a fatos empíricos, assim como a análise da mercadoria de Marx em *O Capital*, e questiona a divisão abstrata entre opressão e exploração através de análises concretas.

Os textos de Fraser, Mohandesi e Teitelman, Ferguson e Sears utilizam principalmente resgates históricos para construir seus argumentos, enquanto os de Teeple Hopkins, Saritas Oran e Arruza fazem referência a processos mais atuais, em debates controversos com autores de outras perspectivas teóricas. Já os textos de Bhattacharya e McNally se debruçam principalmente nas contradições teóricas, ainda que fortemente arraigadas em análises concretas.

De maneira geral, os artigos apresentam três diferentes conceitualizações da reprodução social, explícitas em alguns e mais dispersas em outros. Enquanto Fraser ainda trabalha com a reprodução social enquanto reprodução cotidiana da força de trabalho individual, Saritas Oran dá um passo além, definindo-a enquanto reprodução da força de trabalho da classe trabalhadora como todo – o que permite a ela melhor localização da disputa política em torno das tensões nos contornos da luta de classes. Mas o mais importante salto conceitual se dá através da definição de Bhattacharya e McNally, a partir de seu resgate em Marx e Hegel da reprodução social enquanto reprodução da relação social capitalista em sua totalidade. Em primeiro lugar, essa definição permite o combate de leituras economicistas de Marx, que ignoram as lutas que se dão fora do âmbito mais direto da produção de mais-valia, reafirmando o trabalho e não a mercadoria enquanto força animadora do capital. Em segundo lugar, permite a reafirmação de uma teoria unitária do capitalismo, superando a conceitualização da teoria dualista que se baseia na aparente divisão entre as esferas da reprodução e da produção. Essa superação é essencial para localizar o papel que as lutas pelos serviços públicos protagonizadas pelas mulheres no último período podem cumprir, mas também porque permite elaborar a TRS para além da experiência de donas de casa brancas da Europa e Estados Unidos. Dessa forma, o campo forjado por Bhattacharya permite a incorporação das críticas tecidas pelos movimentos feministas autonomistas e pelos movimentos antirracistas, além das críticas mais gerais dirigidas ao marxismo, em uma superação dialética e na defesa de uma unidade na diversidade que aponte para uma superação material das contradições colocadas.

Apesar dessas aberturas, as análises históricas e políticas ainda são muito voltadas ao centro do capital, em especial aos Estados Unidos, faltando, por exemplo, um olhar mais detido para os processos de violência combatidos pelas feministas latino-americanas no último período. Além disso, com uma maioria de autoras estadunidenses, salta aos olhos que nenhuma seja afro-americana. Apesar do devido reconhecimento das contribuições do feminismo negro às elaborações apresentadas, paira a questão do porquê nenhuma autora afro-americana foi convidada a escrever um capítulo ou porque nenhuma aceitou.

Por fim, o livro traz importantes contribuições para a compreensão da classe trabalhadora, em sua dimensão generificada e racializada das relações capitalistas e do momento de avanço dessas sobre novas dimensões da vida humana.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

**As visões de Ernesto Laclau e as
artimanhas de Chantal Mouffe**

Jacques Bidet

Duas cenas sobre a mercadoria

Luiz Renato Martins

**DOSSIÊ: Raymond Williams e o
materialismo cultural**

Maria Elisa Cevalco e Roberto della Santa (orgs.)

54